

Crescer em ciência e compaixão – o desenvolvimento científico na perspectiva Cristã

Developing in science and compassion – the scientific development from a Christian perspective

Creecer en ciencia y compasión – el desarrollo científico desde una perspectiva Cristiana

Mário Antônio Sanches*
José Odair Vieira**

RESUMO: A reflexão em Bioética, voltada para o presente e para o futuro, propicia o espaço para uma análise ética do desejado crescimento de uma ciência que não exclua as pessoas dos benefícios, e esteja voltada para a promoção de qualidade de vida. Esta é a perspectiva deste estudo, retomando o pensamento de Hans Jonas, que nos ajuda a incluir as futuras gerações no nosso agir com responsabilidade, e demonstrando que os ensinamentos de Jesus Cristo indicam valores inalienáveis para a bioética, por causa de sua dimensão de universalidade e cuidado. Defende que todo desenvolvimento humano, incentivado e justificado pelo Senhorio divino, não pode se colocar a serviço da exclusão de pessoas nem da destruição da vida. O vislumbre do resultado adquirido pelo trabalho científico não deve ficar oculto nos laboratórios, mas ser colocado a serviço da vida como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Responsabilidade. Ciência.

ABSTRACT: Bioethical reflection, directed toward the present and the future, allows for an ethical analysis of the desired development of a science that does not exclude people from benefits, and aims at the promotion of quality of life. This is the perspective of this study, based on Hans Jonas thought, which helps us to include future generations in our present actions with responsibility, and demonstrates that Jesus Christ teachings establish inalienable values for bioethics, due to its dimension of universality and care. It defends that all human development, encouraged and justified by Our Lord God, cannot place itself at the service of people's exclusion or the destruction of life. The glimpse of results obtained by scientific work must not remain occult in laboratories, but must instead be placed at the service of life as a whole.

KEYWORDS: Ethics. Responsibility. Science.

RESUMEN: La reflexión bioética, dirigida hacia el presente y el futuro, permite un análisis ético del desarrollo deseado de una ciencia que no excluya a la gente de ventajas, y tenga como objetivo la promoción de la calidad de vida. Ésta es la perspectiva de este estudio, basada en el pensamiento de Hans Jonas, que nos ayuda a incluir las futuras generaciones en nuestras actuales acciones con responsabilidad, y demuestra que las enseñanzas de Jesucristo establecen valores inalienables para la bioética, debido a su dimensión de universalidad y de cuidado. Defiende que todo el desarrollo humano, alentador y justificado por Nuestro Señor Dios, no puede colocarse al servicio de la exclusión de la gente o la destrucción de la vida. Los vislumbres de los resultados obtenidos por el trabajo científico no debe seguir siendo ocultado en los laboratorios, sino colocado al servicio de la vida en su totalidad.

PALABRAS LLAVE: Ética. Responsabilidad. Ciência.

Quando a verdade, o bem e a beleza se separam; quando a pessoa humana e suas exigências fundamentais não constituem o critério ético, a ciência e a tecnologia se voltam contra o homem que as criou. (CNBB, 2007, n. 123)¹.

INTRODUÇÃO

A reflexão em bioética, a respeito do desenvolvimento biotecnológico, implica uma análise do impacto do

desenvolvimento da ciência e da tecnologia e sua intervenção sobre a vida. Em biotecnologia a intervenção não pode ser excludente, pois “com ela o ser humano manipula a própria matéria da Vida” (p. 13)². Em termos éticos, o desenvolvimento desejado é o que busca qualidade de vida e um progresso sustentável, conforme indica a Declaração de Bioética de Gijón: “As biociências e suas tecnologias devem servir ao bem estar da humanidade, ao desenvolvimento sustentado de todos os países,

* Doutor em Teologia. Professor de Teologia Moral e Bioética no Bacharelado em Teologia da PUCPR, Curitiba. Coordenador do Núcleo de Estudos em Bioética e diretor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR. E-mail: m.sanches@pucpr.br

** Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Franciscano e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialista em Filosofia e em Bioética. Mestrando em Teologia pela PUCPR.

à paz mundial e à proteção e conservação da natureza” (art 1º)³.

Se por um lado a busca de crescimento, visando a uma vida melhor, é justificável, por outro, há o risco de o ser humano ficar fascinado pelo crescimento em si. O conhecimento científico traz essas duas possibilidades em seu próprio processo de desenvolvimento. Ele é uma realidade concreta, fruto da capacidade humana, por isso traz a marca da busca da superação de obstáculo, da sua auto-superação positiva, mas também da sua agressividade e competitividade, que pode se enveredar na tentativa de ser mais que os outros a qualquer preço. Por isso, precisamos refletir sobre o desenvolvimento para que possamos exercer a liberdade com responsabilidade, atentos aos nossos deveres enquanto cidadãos do planeta, membros de uma espécie e co-herdeiros dos mesmos direitos. Mais ainda, há o fato de que somos – junto com todos os outros seres vivos – coparticipantes da mesma natureza biológica (p. 17)⁴ e compostos dos mesmos elementos químicos dos quais o universo é feito.

Marcado pelo desejo de crescer e com a consciência de pertença ao planeta é que o ser humano precisa se posicionar frente ao desenvolvimento científico. Frente ao fascínio dos seres humanos pelo tecnocientífico, Hans Jonas vê a necessidade de se elaborar e impor limites e fronteiras ao desenvolvimento tecnológico e científico, a partir de um novo paradigma simbólico de ética: definindo que o ser humano deve assumir responsabilidades pelos poderes que vêm adquirindo, com novas possibilidades de intervenção na natureza (p. 103)⁵.

Assim, vamos analisar a questão do desenvolvimento científico, nos somando àqueles que estão buscando parâmetros e elementos que torne a ciência promotora de qualidade de vida⁶, um conhecimento a serviço da sociedade e não um fetiche, que vale por si mesma. Nossa contribuição específica, nesse esforço, é dialogar com elementos da reflexão cristã que possam se tornar orientações relevantes para o desenvolvimento científico e elementos importantes na construção de uma reflexão ética sobre a questão.

DA DUBIEDADE À RESPONSABILIDADE

Desenvolver, evoluir, crescer são conceitos fundamentais no pensamento moderno, principalmente no âmbito tecnológico e científico. Para a modernidade, isso

é uma questão central, e todos, empresas e países, são medidos pelo ritmo de crescimento que conseguem alcançar. A ideia básica do crescimento nos dias atuais une duas realidades distintas: por um lado, a autêntica capacidade humana, expressa na ciência e na tecnologia, de assumir domínio da natureza, a superação, a desmistificação e o poder; por outro lado, a ideologia capitalista, que traz em si o fomento pelo domínio da natureza como exploração, lucro, competição, enfim, crescer economicamente a qualquer preço; ou seja, das tecnologias “surtem consequências boas ou más” (p. 68)⁷.

O desenvolvimento tecnológico se torna ferramenta “nas mãos do poder humano” (p. 76)⁷. O poder, em si só, não precisa ser destrutivo, pois pode ser orientado pelo afeto, para solidariedade e compaixão. Assim o poder tecnológico pode se tornar instrumento importante na capacidade humana de cuidar, proteger, amparar, resgatar, recuperar. O pensamento moderno, no entanto, fixou-se somente na razão (p. 33)⁶, erigindo um antropocentrismo mecanicista como elemento principal de seu discurso. O conceito de crescimento a partir dessas ideias se corporifica na hipótese de que a ciência, agregada à técnica, pudesse dominar, explorar e desmistificar todas as outras dimensões da realidade humana, como a crença, o afeto, a sensibilidade e a solidariedade que subsistisse entre as pessoas.

A biotecnologia ou biotecnociência surge nas últimas décadas (p. 218)⁸ e tem grande capacidade de intervenção sobre a vida. Ela é capaz de produzir resultados ambíguos, mas também contribui para o bem da vida como um todo. Muitos têm indicado que a biotecnologia precisa ser submetida a certos limites éticos e morais, por mais complexa que seja sua justificativa (p. 83)⁷, e exercida com responsabilidade. Lançaremos, mais à frente, mãos da tradição cristã para falar de indicadores éticos para a ciência, quanto à reflexão sobre responsabilidade nos remete a Hans Jonas.

O conceito de ética de Hans Jonas busca refletir os problemas de nosso tempo, marcado pelo desenvolvimento tecnológico e científico. A retomada de uma ética de fundo ontológico é a busca por edifícios consistentes que visam a elevar o conceito de evolução com a intenção do esclarecimento e ao mesmo tempo chamar a atenção para o risco do reducionismo biológico e a instrumentalização da vida e da pessoa humana (p. 102)⁵.

Hans Jonas se posiciona com certa reserva frente à postura utópica de que a ciência e a técnica sejam a so-

lução para os problemas da humanidade e único caminho para desvendar os enigmas que a natureza possui. É preciso acender o alerta e desconfiar deste ser humano demasiadamente utópico e futurista. Analisando esse pensamento de Hans Jonas, Jacqueline Russ conclui que o autor nos quer mostrar que “respondemos plenamente pelo ser da humanidade futura examinando lucidamente o poder das ciências e técnicas modernas” (p. 106)⁵.

A humanidade será conforme a ênfase que será dada à tecnologia e à ciência: o caminho da evolução como “melhoramento” da vida sustentável, ou a evolução do conhecimento sustentado pelo domínio que poderá causar danos morais à vida humana e à biodiversidade. A condição e as características futuras da humanidade serão decorrências da escolha de outro modo de compreender e praticar a evolução hoje. Entretanto, é dessa postura que Hans Jonas também elabora o conceito ético enquanto responsabilidade. “Age de tal modo que os efeitos de tua ação não sejam destruidores para a possibilidade de tal vida” (p. 31)⁹. O perigo é a super valorização da técnica e da ciência na contemporaneidade, que pode levar a concepção alterada de evolução, deixando de ser um crescimento para entrar no mito do progresso e da autossuficiência, em que a própria vida humana pode se tornar um produto submetido à lógica capitalista do lucro como valor hegemônico. “Age de tal modo que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida autenticamente humana sobre a terra” (p. 30)⁹. O problema é que o desenvolvimento tecnológico e científico pode não acompanhar os parâmetros éticos e morais, mas se submeter a um ideal enrijecido do progresso.

“A razão que predomina na ciência e na técnica é a instrumental, que, ao prevalecer sobre a razão vital, põe-se a serviço da dominação e se afasta dos fins realmente humanos, “desencantando” o mundo; a razão instrumental toma as paixões, as emoções, os sentidos, a imaginação, a intuição e os mitos inimigos do pensamento” (p. 38)¹⁰.

A instrumentalização da razão poderá tornar-se algo que não mais poderá ser mudado, algo imutável, isto é, a cada nova etapa, o progresso tecnocientífico se sobreporá ao ser humano, tornando-o instrumento de sua evolução.

Esse conceito de evolução é que leva Hans Jonas a levantar a questão da responsabilidade em relação à vida futura, buscando retomar a discussão ética e moral a partir do princípio da responsabilidade. Nesse sentido, o

conceito de evolução não é visto como uma mera instrumentalização do conhecimento, do ser humano, da biodiversidade e do que fora descoberto, mas de compromisso com a existência humana, a vida das espécies de hoje e do futuro. “O impacto das ciências da vida sobre gerações futuras, incluindo sobre sua constituição genética, deve ser devidamente considerado” (art. 16)¹¹.

A ética da responsabilidade, nesse sentido, busca alertar para que o desenvolvimento tecnocientífico não caia em erros e tentações que venham causar danos irreparáveis no futuro, fazendo com que gerações inocentes sofram as consequências.

“Considerando que o saber moderno, na forma das ciências da natureza e do progresso tecnológico que dela decorre, libera para o agir humano um potencial de forças tão extraordinário que produz uma transformação radical na essência mesmo deste agir; considerando que os efeitos da intenção tecnológica estão investidos de um poder acumulativo de destruição, cujas consequências podem ser, e são de fato, irreversíveis, isso passa a incluir o conjunto da natureza na esfera da responsabilidade desse agir. Não se trata apenas do mandamento pragmático – prudencial de não matar a galinha dos ovos de ouro, ou de não serrar o galho sobre o qual estamos vivendo sentados (o que significaria a manutenção, algo desfigurado do antropocentrismo das éticas tradicionais), mas de considerar a hipótese de um direito próprio, de uma autonomia responsabilidade humana ampliada” (p. 198)¹².

A responsabilidade como imperativo ético e moral focaliza-se em dois pontos pertinentes para o mundo envolto da técnica. O primeiro: cada ser humano é chamado à sensatez e à honestidade com aquilo que a natureza nos concede de graça. O segundo: transformar o mundo, descobrindo-o sem esgotá-lo de suas energias.

“Viva no respeito e solidariedade para com todos os companheiros de vida e de aventura terrena, humanos e não humanos e cuida para que todos possam continuar a existir e a viver, já que todo o universo se faz cúmplice para que eles existissem e vivessem e chegassem até o presente” (p. 105)⁹.

É necessário cuidado para não cairmos em extremismos, que, de certa forma, se tornam dois fundamentalismos, a intocabilidade e o tecnocientificismo. É preciso encontrar uma práxis justa entre um e outro, entre apoiar

o desenvolvimento científico e lhe indicar limites. A perspectiva cristã valoriza o conhecimento científico, pois reconhece que Deus nos fez capaz de produzir ciência, mas também alerta “não podemos ser ingênuos, pois não precisamos de qualquer tipo de ciência” (p. 185)¹³. Ter acesso ao conhecimento científico é um privilégio e por isso mesmo se torna uma grande responsabilidade. Sem dúvida podemos direcionar aos detentores do conhecimento científico a chamada à responsabilidade que Jesus direcionou a seus discípulos: “Àquele a quem muito se deu, muito será pedido, e a quem muito se houver confiado, mais será reclamado” (Bíblia, Lucas 12,48)¹⁵.

ÉTICA CRISTÃ, CUIDADO E COMPAIXÃO

Ao indicar alguns valores da tradição cristã, no contexto de busca de orientações éticas para a ciência, estamos, conscientemente, falando da relevância em apresentar perspectivas religiosas como parâmetros para a bioética. Isso não significa impor aos cientistas a crença em Cristo a partir da ótica do cristianismo, mas demonstrar que Cristo é um importante modelo para toda a humanidade: vivência da universalidade, co-humanidade, solidariedade, liberdade, criatividade e responsabilidade. Ao fazer isso, estamos dando espaço para que outras religiões apresentem outros modelos. Por exemplo, mesmo não sendo budista, podemos admitir que Buda tenha, de fato, muito a dizer a todos nós.

A ciência não vai viver de princípios religiosos, e a liberdade de crença também vale para os cientistas, evidentemente. No entanto, a ciência não pode se fechar sobre si mesma. Ela deve dialogar com os outros setores da realidade humana. No diálogo com os que não creem, um cristão não pode esquecer Jesus Cristo, nem renunciar os princípios trazidos por Ele e que podem ser universalmente aceitos. No diálogo da teologia com a ciência, a reflexão teológica deve ser apresentada de tal modo que o cientista que crê possa se identificar com ela, e aquele que não crê possa ser capaz de perceber nela relevância e relação com princípios universalmente válidos. De qualquer modo, a experiência religiosa é algo diferente da reflexão filosófica e, por isso, seus pressupostos precisam ser explicitados, por isso vamos apresentar elementos da ética cristã relevantes para esse diálogo com as ciências.

O trabalho de Wolfgang Scharage nos indica que a ética de Jesus só pode ser compreendida a partir da expe-

riência escatológica, ou seja, a partir do senhorio absoluto de Deus, e a manifestação da realização desse senhorio na pessoa de Jesus. A partir de Jesus, toda a ação deve sempre ser entendida e iluminada por essa ótica. Não é uma ética de emergência, provisória, mas uma ética de urgência e definitiva. Não é uma ação provisória por causa da vinda do Reino de Deus, mas uma ação que urgentemente implanta os valores definitivos do Reino. A partir dessa ótica, a Lei não deve ser desrespeitada, mas plenificada, com liberdade. A liberdade frente à Lei é criteriosa, ou seja, ela só pode ser questionada se violar seu próprio princípio básico: o amor a Deus e ao próximo, e esse amor ao próximo é colocado em sua máxima universalidade, a que inclui amor aos inimigos. “A ética neotestamentária, portanto, não é ética autônoma nem ética final. Sua medida e seu fundamento é o agir salvífico de Deus em Jesus Cristo. A ética é consequência e correspondência desse agir, mais: sua implicação” (p. 17)¹⁴.

A ética de Jesus tem como base o Senhorio de Deus (Bíblia, Mc 4, 28)¹⁵, que faz o Reino crescer automaticamente, “de modo incompreensível, maravilhoso, sem causa aparente” (p. 26)¹⁴. É importante destacar que a ação humana é prevista e valorizada, mas a ação de Deus é certa e inexplicável. Para a bioética, poderíamos dizer que as maravilhas da ciência devem ser entendidas como realizada por causa da ação de Deus e seu senhorio, e não contra ele. O próprio progresso da ciência obedece a esse impulso do Senhorio de Deus, e a ação humana necessária e o esforço do cientista devem ser entendidos como uma resposta a esse impulso que, portanto, deve dimensionar as coisas na mesma direção do Senhorio de Deus. Aqui podemos ter uma aproximação positiva e criteriosa da atividade científica. Reconhecer o senhorio de Deus agindo na história e na criação (natureza) implica também se submeter à sua vontade salvífica e não se opor a ela. Esse ponto, especificamente cristão, se torna também imperativo para a ética da ciência: explorar ao máximo as potencialidades da criação é uma missão humana, é uma obediência e reconhecimento do senhorio de Deus. Mas daí decorre o dever de explorar a natureza nesse mesmo sentido, que venha plenificar a criação e não destruí-la.

A ética cristã valoriza, entre outras coisas, as dimensões do cuidado e da compaixão, e Jesus de Nazaré se apresenta como uma das figuras humanas mais marcantes que encarna e ao mesmo tempo revela o modo de ser cuidado. A partir do exemplo de Jesus, o chamado a cuidar

da vida é apresentado a todos seus seguidores: “A obrigação de acolher e servir a vida compete a todos e deve manifestar-se sobre tudo a favor da vida em condições de maior fragilidade” (n. 43)¹⁶. Entre muitos exemplos de compaixão e cuidado deixados por Jesus de Nazaré, a tradição cristã destacou a passagem do Evangelho de São Lucas, a parábola do bom Samaritano.

“Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por este caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando este lugar, viu-o, e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois o colocou em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados” (Bíblia, Lc 10, 30-34)¹⁵.

Essa passagem expressa a essência da ética cristã, que tem como princípio a compaixão e o cuidado como forma de responder ao outro em sua contingência com alteridade e o amor cristão. O que podemos entender por esse amor? O amor cristão expresso na compaixão não é um amor sentimental, mas comportamental, conforme as atitudes do próprio Jesus Cristo, proposto na parábola do bom Samaritano. O egocentrismo do sacerdote e do levita poderá nos dizer muita coisa como a presunção humana e a arrogância de toda ciência e da técnica quando voltam as “costas” para a vida e para o ser humano. O risco está sempre presente: quem detém o poder – e o conhecimento como sua ferramenta privilegiada – pode esquecer os excluídos, ‘vê-los’ e até analisá-los estatisticamente, mas ‘passar adiante’.

A figura do bom samaritano nos indica um valor ético fundamental para cristãos e não cristãos, a saber, a universalidade do amor. Isso aponta para duas questões fundamentais: o amor, que se traduz concretamente em compaixão e cuidado, não é atributo de uma classe de esclarecidos ou iluminados, mas é um valor humano que enobrece quem o pratica. Desse modo, Jesus rompe com o sectarismo moral que apenas enaltece a prática de seus correligionários, e, ao contrário, indica criticamente que a compaixão é o valor definitivo do seu Reino, mesmo que praticado por alguém que a sociedade não valoriza nem reconhece, indicado na passagem bíblica com um ‘samaritano’.

No esforço de construir uma ética universal, é fundamental tomar consciência de que, mesmo que nem todos aceitem a ética cristã, ela nunca poderá ser reduzida a uma ética de um grupo particular. Essa abertura da ética cristã à universalidade não é algo periférica, mas essencial, pois ninguém pode “levantar dúvidas de que para Jesus o amor ao próximo e ao inimigo é o critério que tudo decide em termos de comportamento interpessoal correto e que para ele não existe amor a Deus sem amor ao próximo e ao inimigo” (p. 91)¹⁴. Desse modo, o amor é o critério básico e ao mesmo tempo universal: “A universalização do amor na concretização do amor ao inimigo relativiza e desintegra a identificação – possível a partir do amor ao próximo – com os que pertencem à própria família, cultura, religião, etc. (p. 84)¹⁴.

Também, o evangelista Marcos representa a figura ética de Jesus de Nazaré na esfera do cuidado e da compaixão: “Ele tem feito tudo bem; faz tanto os surdos ouvirem como os mudos falarem” (Bíblia, Mc 7,37)¹⁵. Essa afirmação carrega, em sua base, a postura de Jesus no sentido de que ele teve como princípio o cuidado da vida em sua integralidade. É esse cuidado como visão integral da vida que se faz necessário no mundo tecnológico e científico.

DO ENCANTAMENTO AO SERVIÇO

A parábola do credor incompassivo (Bíblia, Mt 18.23ss.)¹⁵ provoca uma reflexão interessante, quando uma atitude aparentemente normal passa a ser questionada por causa da revelação de uma novidade que a precedeu. Em relação à parábola “o comportamento do servo astuto nunca provocaria o nosso protesto, não tivesse antes sido narrada a bondade precedente do senhor” (p. 43)¹⁷. Desse modo, poderíamos fazer um paralelo e entender que a reflexão sobre o corpo humano e sua dignidade nunca poderá ser a mesma depois de Jesus Cristo, ou seja, da fé cristã na encarnação do Verbo na pessoa de Jesus Cristo. Esse ponto é muito interessante, principalmente quando se afirma a Bioética, como Ética da corporalidade. Deus, na pessoa de Jesus, assumiu o corpo humano dando a esse uma nova dignidade. “A mensagem da encarnação de Deus ataca o cerne duma época que tem no desprezo ou na idolatria do ser humano o suprassumo da sabedoria. Somente pela encarnação de Deus é possível conhecer o ser humano real sem despezá-lo” (p. 45-46)¹⁷.

Num mundo contemporâneo, fascinado pela tecnologia e pela ciência e no contexto do deslumbramento do ser humano frente à biotecnociência, é interessante observar a atitude de Jesus Cristo no episódio da transfiguração:

“Seis dias depois, Jesus tomou consigo a Pedro, Tiago e João, e os levou, sozinhos, para um lugar retirado num alto monte. Ali foi transfigurado diante deles. Suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas, de uma alvura tal que nenhum lavadeiro as poderia alvejar. Pedro, tomando a palavra, diz a Jesus: “Rabi, é bom estarmos aqui. Façamos, pois, três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.” “...Ora não sabiam o que dizer, porque estavam atemorizados. Mas Jesus os instrui e volta para o meio do povo” (Bíblia, Mc 9,2-6)¹⁵.

Jesus repreende o egoísmo afeiçoado de Pedro e manifesta preocupação com as outras pessoas que não presenciavam as maravilhas da transfiguração, seja a geração contemporânea a Jesus, ou a contemporânea a nós que éramos a geração futura e as futuras em relação a nós. Jesus dispensa tempo especial para a formação de um pequeno grupo de discípulos, mas a relevância da formação será medida por uma postura ética: voltar para o povo. Com essa atitude, Jesus mostra que a maravilha da transfiguração não seria exclusiva dos seus amigos, mas todos devem e têm direito ao que a transfiguração lhe revelara. A ética no viés da responsabilidade deverá ser um princípio em que a ação humana, por meio da tecnologia e da ciência, progrida a partir da precaução e do respeito. Transparece na postura de Jesus que todos têm direito à vida, às dádivas e às alegrias da transfiguração e não somente os amigos que ali se encontravam.

Os amigos de Jesus ficaram sem saber o que dizer com o que viram na transfiguração, revelação que amedronta, deixa estupefato, tamanha a beleza e grandiosidade do que lhes foi revelado. Aplicando essa situação em nossos dias, podemos comparar o fascínio dos amigos de Jesus ao conhecimento adquirido pela ciência e pela tecnologia. Nossa atitude deverá ser semelhante à de Jesus: instruir nossa sociedade científica e tecnológica, para que as maravilhas da transfiguração da vida alcançadas pela ciência e pela tecnologia sejam benéficas para todos os seres humanos e para toda a vida na terra. O esforço deve ser no sentido de evitar que essas maravilhas fiquem reclusas no intimismo das tendas de poucos, no círculo fechado do lucro e do poder.

CUIDADO COM A VIDA TODA

O cuidado com cada ser vivo, na perspectiva cristã, se dá porque “o mundo é a permanente criação de Deus (Bíblia, Rm 1,20) e Deus é e permanece o Criador (Bíblia, Rm 1,25). Tudo vem dele e pertence a ele (Bíblia, ICor 8,6; 10,26; Rm 11,36). O tempo escatológico irrompido em Cristo não traz uma destruição, mas sim a realização e a superação daquilo que desde o início foi a vontade do Criador (p. 206)¹⁴. Isso, portanto, introduz uma visão positiva e equilibrada da natureza e do mundo, pois, segundo Paulo, “os cristãos estão a igual distância do desprezo ao mundo e de seu endeusamento, da fuga do mundo e da paixão por ele” (p. 207)¹⁴. Se, por um lado, o cristão não torna a natureza uma divindade, por outro lado, também não assume uma visão mecanicista. Esse é o sentido da responsabilidade no viés cristão, que se abre como proposta para uma reflexão ética e moral do progresso tecnológico e científico. Nesse sentido, vejamos o que diz o teólogo alemão Jürgem Möltmann¹⁸, também conhecido como teólogo da esperança. “É relevante buscar uma substituição da cosmovisão mecanicista moderna, pois é uma cosmovisão determinada unilateralmente pelo patriarcado.”

“A transição para uma cosmovisão ecológica faz jus não somente à realidade do meio-ambiente natural do mundo humano, mas a naturalidade deste mundo humano – mulheres e de homens. Por isso, estão ligadas novas formas de comunhão igualitárias, onde se busca demolir o domínio patriarcal e construir uma comunidade cooperativa. As centralizações da cosmovisão mecanicista dão lugar às concordâncias na rede das relações recíprocas. Neste caminho de um domínio mecanicista do mundo para uma comunidade ecológica universal, os antigos símbolos matrifocais têm novamente futuro, pois, de novo, ‘dão a pensar’” (p. 450)¹⁸.

Essa passagem reforça o propósito de nossa reflexão. Para o autor, é necessário resgatar a nossa dimensão do cuidado e da compaixão resgatando a dimensão comunitária e cocriadora da pessoa humana. Devemos fazer parte e “entrar na história como cocriadores” (p. 196)¹⁹. Essa é a proposta cristã para o progresso das biotecnociências, para que sejam ferramentas a serviço da vida nas mãos de cocriadores.

O conceito de criação inclui a noção da *Imago Dei*, como afirmam teólogos contemporâneos, o ser humano é

‘cocriador criado de Deus. A expressão ‘cocriado criador’ implica ver que a criação ou a natureza não são estáticos, mas estão num processo de evolução da *creatio* contínua de Deus. O ser humano continua a careação, desvendando os segredos e mistérios da criação, aperfeiçoando-a. Nessa visão, o ser humano não é um mero executor passivo do eterno desatino traçado desde sempre, mas alguém que no uso de sua liberdade criativa e responsável, assume sua vocação original de ser (p. 550)²⁰.

CONCLUSÃO

A discussão sobre ética na sociedade contemporânea precisa resgatar o seu sentido simbólico e da moral e fazer com que esse princípio humano aproxime povos, culturas, credos e nações daquilo que é necessariamente o dever de todos, a saber, a responsabilidade pela vida gestada e sustentada. A responsabilidade com o ambiente, como meio para vida, é nossa. A ética e a moral da responsabilidade são tomadas de consciência para essa necessidade, resgatando o sentido de mundo e da pessoa humana. A ética da responsabilidade, nesse sentido, torna-se, também, o postulado por uma ética de alteridade.

A ética da responsabilidade tem como premissa reciprocidade planetária entre o humano e sua espécie; o ser humano e sua natureza; a pessoa humana, a tecnologia e a natureza. Esse é o paradigma ético e moral elaborado por Hans Jonas como princípio de responsabilidade universal, que adquire ainda mais expressão na perspectiva do compromisso universal da ética cristã.

Essa nova forma de pensar ética e moralmente a partir da necessidade do mundo dominado pela tecnologia e pela ciência é, com certeza, a preocupação de que “o homem, quando ético, é o melhor dos animais, mas separado da lei e da justiça é o pior de todos” (p. 70)²¹. A visão

do ser humano responsável está em vista da tecnologia e da ciência como serviço beneficente, equânime e justo à humanidade.

Assim, a ética como responsabilidade, ancorada nas virtudes da pessoa humana, exerce um indispensável serviço de discernimento, análise, investigação e depuração do progresso tecnocientífico. Essa averiguação ética e moral é de suma importância em todas as dimensões da vida humana. Este trabalho, de chamado ao ser humano, realiza-se na ética e na moral da responsabilidade à medida que ela vem captando o emergente, mesmo em uma sociedade marcada pelo descartável e provisório. “De fato, o tempo das certezas teria irremediavelmente passado, o homem deveria finalmente aprender a viver num horizonte total de sentido, sob o signo do provisório e do efêmero” (n. 91)²².

Esse modelo de sociedade provisória e descartável é um dos perigos iminentes para a vida humana e para a biodiversidade. A eugenia e a seleção de embriões com o avanço da ciência e da tecnologia no campo da reprodução humana poderá ser um exemplo dessa sociedade utilitarista. Antes “sejam salvaguardados os valores e os direitos da pessoa humana” (n. 1)²³.

Portanto: “Importa hoje articular todas as frentes críticas ao sistema imperante, visando ao surgimento de um paradigma novo de civilização e de sociedade no qual todos possam caber e onde imperem relações mais benevolentes” (p. 47)²⁴. A proposta feita por Hans Jonas como responsabilidade poderá ser conjugado ao paradigma ético moral, e aos princípios cristãos, exercendo grande relevância para humanização do mundo técnico e científico a partir da compaixão, do cuidado, da alteridade e da solidariedade. Por isso, “se progressos tecnológicos forem realizados às custas das gerações futuras vindouras, então esses são apenas progressos aparentes, fictícios” (p. 381)¹⁸.

REFERÊNCIAS

1. CNBB. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus / Paulinas; 2007.
2. Sanches MA. Bioética, Ciência e Transcendência. São Paulo: Loyola; 2004.
3. Sociedade Internacional de Bioética (SIBI). Declaração de Bioética de Gijón. Gijón, Espanha: Comitê Científico da Sociedade Internacional de Bioética. 24 jun 2000. Disponível em: <http://www.bioetica.org.br>
4. Sanches MA. O diálogo entre teologia e ciências naturais. Mundo saúde. 2007;31(2):179-86.
5. Russ J. Pensamento Ético Contemporâneo. São Paulo: Paulus; 1999.

6. Siqueira JE, organizador. Ética, ciência e responsabilidade. São Paulo: Editora do Centro Universitário São Camilo / Loyola; 2005.
7. Drane J, Pessini L. Bioética, medicina e tecnologia – desafios éticos na fronteira do conhecimento humano. São Paulo: Editora do Centro Universitário São Camilo / Loyola; 2005.
8. Schramm FR. Bioética e biossegurança. In: Costa SIF, Oselka G, Garrafa V, coordenadores. Iniciação à bioética. Brasília: Conselho Federal de Medicina; 1998.
9. Jonas H. El Principio de Responsabilidad: ensayo de una ética para la civilización tecnológica. Barcelona: Herder; 1995.
10. Aranha ML, Martina MH. Temas de Filosofia. São Paulo: Moderna; 2000.
11. Unesco. Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos; 2005. Disponível em: <http://www.bioetica.org.br>
12. Giacoia Jr O, Oliveira M, organizadores. Correntes fundamentais da Ética Contemporânea. Petrópolis: Vozes; 2000.
13. Sanches MA. Brincando de Deus – bioética e as marcas sociais da genética. São Paulo: Ave Maria; 2007.
14. Schrage W. Ética do Novo Testamento. São Leopoldo: Sinodal; 1994.
15. Bíblia. Edição Jerusalém. São Paulo: Paulinas; 1975.
16. João Paulo II. Carta Encíclica Evangelium Vitae. São Paulo: Paulinas; 2005.
17. Bonhoeffer D. Ética. São Leopoldo: Sinodal; 1995.
18. Möltmann J. Doutrina Ecológica da Criação. Petrópolis: Vozes; 1993.
19. Häering B. Livres e Fiéis em Cristo: Teologia moral para sacerdotes e leigos. São Paulo: Paulinas; 1984. [v I – Vós sois a luz do mundo].
20. Pessini L. Bioética: Um grito por dignidade de viver. São Paulo: Paulinas; 2006.
21. Pegoraro OA. Ética e Justiça. Petrópolis: Vozes; 1995.
22. João Paulo II. Fides et Ratio, São Paulo: Paulinas; 1999.
23. Sagrada Congregação para Doutrina da Fé. Instrução Sobre o Respeito à Vida Nascente e a Dignidade da Procriação; 1987. Disponível em: <http://www.vatican/>
24. Boff L. Ética da Vida. Brasília: Letraviva; 2000.

Recebido em: 18 de maio de 2009.
Versão atualizada em: 8 de junho de 2009.
Aprovado em: 1 de julho de 2009.